

APRESENTAÇÃO - PARA ALÉM DO DESASTRE: O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA CLIMÁTICA

INTRODUCTION - BEYOND DISASTER: THE ROLE OF COMMUNICATION IN BUILDING CLIMATE RESILIENCE

PRESENTACIÓN - MÁS ALLÁ DEL DESASTRE: EL PAPEL DE LA COMUNICACIÓN EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA RESILIENCIA CLIMÁTICA

Profa. Dra. Cláudia Herte de Moraes ¹
claudia.moraes@ufsm.br

Prof. Dr. Daniel Reis Silva ²
daniel.rs@hotmail.com.br

Neste dossiê, intitulado "**Comunicação e eventos climáticos: governança, proximidade e resiliência**", apresentamos um recorte expressivo das pesquisas que, com rigor, diversidade de objetos e abordagens metodológicas plurais, evidenciam a centralidade do campo comunicacional no enfrentamento do cenário de crise planetária e emergência climática.

No conjunto de artigos aqui reunidos, a comunicação de risco e os eventos climáticos articulam-se a partir dos eixos estruturantes da nossa chamada original. Uma vez que a gestão de crises ambientais exige que a comunicação pública e jornalística vá além da mera difusão de alertas técnicos ou normativos, importa repensar processos, metodologias e tecnologias. Afinal, até que ponto esses alertas estão sendo compreendidos e transformados em ação coletiva? Como os públicos estão sendo mobilizados e como o conhecimento sobre o tema é socialmente construído? É central, nesses termos, reconhecer que a promoção do engajamento perpassa uma comunicação culturalmente situada, em constante postura de diálogo com os repertórios, memórias, práticas e expressões locais.

¹ POSCOM - UFSM

² PPGCOM - UFMG

A construção de comunidades verdadeiramente resilientes, formadas por públicos dinâmicos em interação (Silva; Henriques, 2022) e com capacidade de resistir, adaptar-se e recuperar-se de desastres, enfrenta obstáculos sérios na espetacularização e no sensacionalismo midiático, mas encontra caminhos promissores em jornalismo plural, críticos, comunitários e decoloniais (Moraes; Loose, 2025). Ademais, permanece em nosso radar o combate rigoroso à desinformação e ao negacionismo climático, muitas vezes articulados por setores interessados na manutenção de lógicas extrativistas e na descredibilização da ciência (Oreskes; Conway, 2010; Mann, 2021; Hoggan, 2009; Silva, 2017; 2025).

Ao imaginar as perspectivas do campo comunicacional nesta área, podemos refletir sobre de que forma a resposta da comunicação é entendida por outros campos, multidisciplinares, que precisam e atuam diretamente em populações atingidas. Da mesma forma, a população necessita de um jornalismo com credibilidade e relevância social, em meio a tantos discursos desinformativos que buscam manufaturar incertezas e a ignorância sobre o tema (Proctor, 2008).

O papel da educação midiática e da construção da integridade da informação agrega de forma propositiva e traz evidências de que a comunicação, cada vez mais, deve estar inserida em processos coletivos, territorializados e participativos com ênfase na adaptação climática necessária contemporaneamente (Moraes, 2025). Ou seja, entre os caminhos possíveis e preferíveis, temos a oportunidade de trazer protagonismo a diferentes atores sociais (Moraes et al., 2026), seja em planos de comunicação pública e de gestão de risco, seja em diálogos relevantes que sirvam à pluralidade do jornalismo.

Para organizar a leitura e destacar as contribuições singulares de cada pesquisa do dossiê, estruturamos esta apresentação em cinco eixos temáticos:

1. DA COBERTURA MIDIÁTICA E DA ESPETACULARIZAÇÃO

Este primeiro eixo reflete sobre as lógicas do noticiário e seus impactos na percepção pública dos riscos. Lozano et al. analisam a cobertura de eventos meteorológicos extremos de 2023 em jornais do Brasil, da Espanha, do México e do Peru, demonstrando como a imprensa ainda foca excessivamente na destruição e em embates

políticos, negligenciando horizontes de adaptação e soluções. Analisando o contexto eleitoral pós-desastre de 2024 em Porto Alegre, Neves, Loose e Silva investigam como o jornalismo inseriu a pauta climática no pleito municipal, constatando uma cobertura tímida e reativa, mais centrada na busca por culpados do que na promoção de debates sobre prevenção e resiliência.

O problema da espetacularização é aprofundado por Lomillos e Oliveira, que examinam reportagens dos canais Record e RedeTV! sobre as enchentes no Rio Grande do Sul; os autores apontam como a exploração sensacionalista da dor das vítimas atua como barreira para a compreensão crítica dos riscos socioambientais. Fechando o bloco, a resenha "Comunicar la crisis climática", assinada por Barros e Girardi, debruça-se sobre a obra de Lozano e Mercado para defender a urgência de substituir o alarmismo catastrofista por um "jornalismo de soluções" articulado à saúde planetária.

2. UM PLANETA EM CRISE E VÁRIOS JORNALISMOS

Aqui, agrupam-se estudos sobre práticas jornalísticas alternativas, decoloniais e comprometidas com a justiça socioambiental. Soares e Souza propõem uma reflexão sobre o jornalismo crítico-emancipatório a partir das perspectivas dos povos originários, argumentando que o campo precisa assumir uma postura antissistêmica para superar a lógica de exploração da natureza. Voltando-se para a cultura do pertencimento em Roraima, Silva e Almeida observam a cobertura das queimadas regionais por mídias independentes (Sumaúma e Amazônia Real), demonstrando como esse jornalismo rompe com a hierarquia tradicional de fontes ao dar protagonismo às vozes indígenas frente ao discurso do agronegócio.

Em estudo focado no "jornalismo de emergência", Silva e Schwaab analisam os discursos dos próprios fundadores da plataforma Sumaúma, revelando como iniciativas não hegemônicas criam linguagens e métodos de resistência que articulam urgência, decolonialidade e interseccionalidade. Encerrando o eixo, o trabalho sobre a memória climática em Pelotas (Guterres et al.) relata uma experiência de escuta sensível desenvolvida por estudantes de Jornalismo da UFPel com vítimas das enchentes a partir

de objetos recuperados, posicionando o jornalismo como dispositivo de memória e vínculo comunitário.

3. DESINFORMAÇÃO E NEGACIONISMO CLIMÁTICO

Este núcleo reúne pesquisas sobre as dinâmicas de circulação da desinformação e da erosão da confiança científica. Pimenta e Henriques abordam as teorias sobre públicos e negacionismo climático para oferecer um quadro analítico composto por três atitudes ativas: a desconsideração, o menosprezo e o descomprometimento. Com isso, lançam luz sobre os mecanismos que levam grupos a ignorar evidências científicas.

No ambiente das plataformas digitais, Silva, Melo e Medeiros investigam as percepções sobre a Amazônia brasileira no fórum r/climateskeptics (Reddit), mapeando estratégias retóricas que alegam que os incêndios são falsos ou que a floresta permanece intocada. Complementarmente, Moraes e Spinelli analisam a construção discursiva da desinformação no audiovisual a partir de conteúdos do canal Brasil Paralelo, identificando estratégias que desqualificam a ciência, constroem inimigos simbólicos (como o "globalismo") e acionam teorias da conspiração para fragilizar as políticas ambientais.

4. COMUNICAÇÃO PÚBLICA, GESTÃO DE RISCOS E CUIDADO

Os artigos deste bloco voltam-se para a atuação institucional, a resposta a emergências e a dimensão afeto/cuidado na comunicação de risco. Mattos et al. analisam a atuação institucional do Conselho Regional de Psicologia do RS (CRPRS) durante o desastre de 2024, demonstrando como a comunicação orientada à redução de danos e ao acolhimento auxilia na coordenação de equipes e no suporte humanizado em saúde mental.

Morais e Oliveira examinam um vídeo instrucional da Defesa Civil Nacional sob a ótica da comunicação pública e da ética do cuidado, alertando para os riscos de instrumentalizar a noção de "autoproteção" para desresponsabilizar o Estado e sobrecarregar populações vulneráveis. No âmbito da infância, Tonin et al. relatam a

criação do recurso audiovisual “Palavras e imagens que dão medo”, direcionado a crianças de 0 a 6 anos durante as enchentes no RS; fundamentado na comunicologia doltoniana, o estudo ressalta o papel da escuta e do diálogo terno na mitigação de traumas infantis. Por fim, Luz propõe um modelo metodológico de comunicação pública em desastres, a partir da experiência em Rio do Sul (SC), sistematizando redes locais e apresentando um guia prático para comunicadores focado no combate a boatos via jornalismo de proximidade.

5. EDUCAÇÃO, PERCEPÇÃO PÚBLICA E ESTRATÉGIAS DE MOBILIZAÇÃO

O último eixo reúne investigações voltadas à recepção, à cultura científica e às estratégias de engajamento da sociedade civil. Melo, Barbosa e Ribeiro analisam o projeto "Ciência Pra Quê?" (UFPR) com estudantes da educação básica, evidenciando como estratégias de "comunicação aproximativa" e a resolução de problemas locais (como a gestão de resíduos) fortalecem o pertencimento e a alfabetização científica na escola.

Borges e Brignol investigam a relação entre mídia e clima na rotina de trabalhadoras rurais gaúchas, constatando que, embora a internet seja sua principal fonte de informação, cerca de um terço das entrevistadas demonstra ceticismo quanto à crise climática. Este dado reforça a urgência de ações de comunicação ambiental territorializadas e culturalmente adaptadas. Fechando a seção, Pinheiro e Neto analisam a campanha “A Voz da Seca” (Instituto Akatu) na crise hídrica paulista, demonstrando como a ciberpublicidade se apropria do hibridismo jornalístico, da interatividade e de elementos sensoriais para mobilizar a conscientização ambiental.

Agradecemos profundamente a todas as pesquisadoras e pesquisadores que confiaram seus manuscritos à Revista Animus, bem como às dezenas de pareceristas *ad hoc* pelo rigoroso trabalho de avaliação. Um agradecimento especial ao editor-chefe da revista, Prof. Dr. Magnos Cassiano Casagrande, pelo apoio institucional contínuo.

Convidamos todas e todos a uma excelente e inspiradora leitura!

REFERÊNCIAS

- HOGGAN, J. **Climate cover-up: the crusade to deny global warming**. Canada: Greystone Books, 2009.
- MANN, M. **The new climate war**. New York: PublicAffairs, 2021.
- MORAES, C. H.; LOOSE, E. B. Discursos sobre as (in)justiças climáticas na Amazônia em reportagens da COP-30 em Sumaúma. **Organicom**, São Paulo, v. 22, p. 18-30, 2025.
- MORAES, C. H. Educação Midiática e Capacitação Contínua. In: Gustavo Buss et al. (Org.). **Guia de Integridade da Informação no Contexto da Crise Climática no Rio Grande do Sul: Protocolos, Boas Práticas e Governança da Informação para Enfrentar a Infodemia Climática**. 1ed.Porto Alegre: Ed. dos autores, 2025, v. 1, p. 139-148.
- MORAES, C.H.; MASSIERER, C.; KOLLING, P. Comunicação indígena e a crise climática no Sul Global: A práxis de mediativistas indígenas brasileiros. **Alceu** [S. l.], v. 26, n. 58, p. 96–114, 2026. DOI: 10.46391/ALCEU.v26.ed. 58.2026.545. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/545>. Acesso em: 11 ago. 2026.
- ORESQUES, N.; CONWAY, E. **The merchants of doubt**. London: Bloomsbury Press, 2010.
- PROCTOR, R. Agnotology: A Missing Term to Describe the Cultural Production of Ignorance (and Its Study). In: SCHIEBINGER, L.; PROCTOR, R. (org.). **Agnotology: the making and unmaking of ignorance**. Stanford, California: Stanford University Press, 2008.
- SILVA, D; HENRIQUES, M. **Públicos em movimento: comunicação, colaboração e influência na formação de públicos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- SILVA, D. A cacofonia como estratégia de desinformação e desmobilização sobre mudanças climáticas. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 48, n. 2, p. 133–147, 2025. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2025.237474. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/237474>. Acesso em: 10 ago. 2026.
- SILVA, D. **Relações Públicas, Ciência e Opinião: Lógicas de influência na produção de (in)certezas**. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional